

OS DIFERENTES DISCURSOS E DISPUTAS DA/NA FESTA DE 16 DE JULHO NA CIDADE DE BORDA DA MATA, SUL DE MINAS GERAIS



Cleyton Antônio da Costa¹

Resumo

O presente artigo visa refletir acerca da ampliação e reorganização da festa do dia 16 de Julho na cidade de Borda da Mata, sul de Minas, problematizando os diferentes discursos e disputas da/na festa que contém duas partes: uma dedicada à padroeira do município, Nossa Senhora do Carmo; e a outra a sua emancipação política administrativa, isto constitui uma das práticas culturais mais esperadas pelos sujeitos sociais que residem e/ou visitam a cidade. Metodologicamente trabalhamos com as narrativas orais que possibilitam investigar as memórias dos sujeitos sociais que participam das festas em seus diferentes âmbitos, cruzando com outras fontes históricas como textos legislativos, documentos eclesiásticos, imprensa local e obras memorialísticas.

Palavras-chave: Cidade; Festa; Memórias.

Abstract

This article aims to reflect on the expansion and reorganization of the party on the 16th of July in the city of Borda da Mata, south of Minas, problematizing the different speeches and disputes of / at the party, which contains two parts, one dedicated to the patron saint of municipality, Our Lady of Mount Carmel, and the other to its administrative political emancipation, which constitutes one of the most expected cultural practices by the social subjects who reside in or visit the city. Methodologically we work with oral narratives, which make it possible to investigate the memories of social subjects, who participate in the parties in their different spheres, crossing with other historical sources such as legislative texts, ecclesiastical documents, local press and memorial works.

Keywords: City; Party; Memoirs.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí. Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade de São Paulo. E-mail: cleytoncac@yahoo.com.br



Introdução

O presente artigo visa refletir acerca da ampliação e reorganização da festa do dia 16 de Julho na cidade de Borda da Mata, sul de Minas, problematizando os diferentes discursos e disputas da/na festa que contém duas partes: uma dedicada à padroeira do município, Nossa Senhora do Carmo; e a outra a sua emancipação política administrativa que constitui uma das práticas culturais mais esperadas pelos sujeitos sociais que residem e ou visitam a cidade.

Borda da Mata é um município que tem sua economia pautada na agricultura e na indústria têxtil, sendo a produção de pijamas - na atualidade - o grande foco que atribuiu à cidade o título de “Capital Nacional do Pijama”. Como a maioria das cidades do interior do Sul Mineiro, esta apresenta marcante espírito de religiosidade em sua população, sendo a maioria católica.

O sul de Minas é um território permeado por diferentes festejos, como religiosos, turísticos, políticos, gastronômicos e de diferentes práticas. Debruçar acerca de uma festa é possibilitar conhecer de um cenário repleto de valores, gestos e diferentes discursos.

Compreendemos que uma festa não se concretiza em um só ritmo ou padrão, mas de maneiras múltiplas, pois os seus participantes almejam festejar, interagir de acordo com os interesses deles, que podem ser devoção, o lazer, estar entre amigos e/ou família, momento de revigoração diante da rotina desgastante. Por se tratar de dois festejos diferentes, notamos que não há um motivo único para vivenciar esses eventos.

Nesse ínterim, observa-se os diferentes modos de ver e manifestar as festas, em que culturas são elaboradas pelas diferentes formas de se estar nelas. Assim, foi por meio da prática da História Oral que houve a possibilidade de conhecer as diferentes vivências e experiências que são muitas vezes ocultadas pela história oficial:

O uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... são histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas; essa característica permitiu inclusive



que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos².

Através desse método de estudo foi possível analisar as experiências de homens e mulheres em diversos e diferentes setores da sociedade, permitindo um percurso de conhecimento e possibilidades de valorização a grupos sociais até então invisíveis na documentação oficial escrita.

As entrevistas realizadas foram marcadas em locais escolhidos pelos narradores, registradas em um minigravador, num diálogo aberto, sem roteiros de perguntas fixas, possibilitando que, das memórias, vivências, experiências, as perguntas surgissem a partir da história de vida de cada narrador, iniciando o diálogo desde das trajetórias da infância aos dias atuais.

Atentos à questão ética, este que constitui um dos eixos que se articula a prática da História Oral, é relevante mencionar que, junto aos narradores, fora realizado o procedimento de levar a transcrição das falas que foram lidas e, posteriormente, devidamente autorizadas pelos narradores, bem como a assinatura e encaminhamento da carta de cessão e o consentimento informado, expondo a nossa preocupação com a ética em nosso trabalho, pois, assim, estamos respeitando o narrador que se dispôs a conceder tal entrevista, contribuindo com a construção do conhecimento histórico.

Dessa forma, trabalhamos com as memórias desses sujeitos sociais que são construídas socialmente e trazem à tona significados e interpretações variadas:

se consideramos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizado ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumento socialmente criados e compartilhados³.

A memória é uma construção que, ao longo das experiências, significa e/ou ressignifica os acontecimentos passados diante do contexto em que é produzida. Ela se refere a uma pessoa a que relata ou escreve suas percepções, porém esta elaboração se efetiva com a convergência de experiências compartilhadas socialmente. Os sentidos, significados, impressões se somam mediante a interação estabelecida no grupo, sociedade, família, trabalho e em diferentes épocas.

² FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org). **Usos e abusos da História Oral**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

³ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho - Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: PUC, nº 15, Abril de 1997.



Portanto, observamos que o passado vivido se mescla com as experiências recentes proporcionando a elaboração de olhares múltiplos. “Tal como apreender a ampliação do passado é um desafio para o ser humano, ativar a memória também o é, uma vez que a memória, além de incomensurável, é mutante e plena de significados de vida, que - algumas vezes - se confirmam e usualmente se renovam”⁴.

Imersos nessas memórias variadas é possível compreender, refletir as diferentes problematizações que atravessam a festa realizada no dia de 16 de julho, e assim é visível que “a festa traz (ia) a possibilidade outra de viver a cidade [...] tomando posse de seus espaços”⁵. Com efeito, deparamo-nos com a preocupação de compreender este espaço que é a cidade, que se torna palco, anualmente, dos festejos.

Percorrendo esta inquietação em entender o que é a cidade defrontamos com Sennett afirmando que “nesse espaço de concentração populacional, os homens que vivem na cidade não se entenderão, estando, pois contida na narrativa original, uma condenação: a cidade está destinada a ser o centro de conflito”. Compreende-se que o espaço urbano se traduz na busca de interesses pessoais e coletivos e nas mais diferentes instâncias, como a econômica, política, jurisdição, religião, nisto se materializa nele um centro dos conflitos.

Em outras palavras, ela é regida pela convivência compulsória, onde há engendradas negociações, relações que, do mesmo modo, serão tangidas pela tensão, pela luta de poderes que se inscrevem no cenário citadino. Porém, da mesma forma que vemos o espaço urbano como este centro de conflitos, é também evidenciado nele o permear do encontro, da partilha de saberes, experiências e memórias, de forma mais intensa no período festivo.

Com o escopo de compreender o que é festa, diante das leituras deparamos com as considerações de Guarinello:

Festa é um termo vago, derivado do senso comum, que pode ser aplicado a uma gama de situações sociais concretas. Sabemos todos, aparentemente, o que é uma festa, usamos a palavra no nosso dia-a-dia e sentimo-nos capazes de definir se um determinado evento é, ou não, uma festa. Contudo, essa concepção quase intuitiva de festa choca-se, frequentemente, com a

⁴ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral** – memórias, tempo, identidades. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

⁵ PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervências coletivas. In: PASSOS, Mauro. **A festa na vida: significados e imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002



diversidade de interpretações de um mesmo ato coletivo: o que é festa para uns, pode não ser para outros⁶

Mas também a festa é “uma ruptura da vida diária, um intervalo na ordem estabelecida, vista por vários estudiosos como momento de renovação das forças desgastadas pela rotina de trabalho e respeito às regras”⁷. Nesse sentido, a festa do dia 16 de julho em Borda da Mata possibilita à população um outro tempo. Este regido pela alegria, devoção, sociabilidade, manipulação política, entre outras situações.

É permitido afirmar que a festa possibilita um espaço de encontro e trocas. É o período de uma intensa interação entre a comunidade e com os visitantes das cidades circunvizinhas que procuram as festas em Borda da Mata, isto como opção de lazer e devoção.

O festejar constitui uma ação que perpassa o preparar para a mesma, o arrumar-se, escolher ou comprar a melhor roupa, como também organizar as tarefas de trabalho para poder ir à festa, bem como estar com a família e/ou amigos, além do consumir comidas e bebidas. Tais ações são realizadas somente no tempo/espaço das festas. Assim, tece-se um cenário que está além do que é pautado no dia a dia, é um tempo diferente, aguardado, celebrado.

Mas, temos a consciência de que o fazer a festa não se dá de modos sem razões e/ou interesses. A Igreja Católica e a Prefeitura Municipal fazem usos diferenciados da festa a partir de motivações que, muitas vezes, não são evidenciadas ou conhecidas por aqueles que participam da festa. Eis aqui umas das nossas inquietações a partir de nossa interpretação desse cenário, saber como é o olhar desses expectadores para os festejos de 16 de julho. Logo, quais embates ocorrem nesta festa, simultaneamente, o que acontece?

Na busca de olhar a cidade, que vai além do material, do físico, do concreto, Fenelon nos adverte:

A cidade nunca deve surgir apenas como um conceito urbanístico ou político, mas sempre encarada como um lugar da pluralidade e da diferença, e por isto representa e constitui muito mais que o simples espaço da manipulação do poder. E ainda mais importante, é valorizar a memória que não está apenas nas lembranças das pessoas, mas tanto quanto nos resultados e nas marcas que a história deixou ao longo do tempo em seus monumentos... Ou nos seus

⁶ GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Orgs.). **Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa**, vol. II, São Paulo: Hucitec: Ed. da USP: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

⁷ SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil escravista: História da Festa de coroação de rei congo**. Belo Horizonte: Humanitas, 2002.



espaços de convivência ou no que resta de planos e projetos oficiais sempre justificados como o necessário caminho do progresso e da modernidade⁸

Vemos a cidade como o lugar em que os sujeitos sociais dinamizam o seu viver, buscamos entender a cidade não apenas como algo estrito ao físico, ao bruto, ao concreto, ao asfalto, prédios, ruas, casas. Mas sim, a interação dos sujeitos com estes espaços que, por conseguinte, resulta nas marcas ao longo da história.

A cidade é constituída como espaço vivido de diferentes maneiras, por diferentes sujeitos, muitas vezes de forma conflituosa. Neste espaço de vivências, valores, sentimentos, tensões, conflitos são manifestados e reafirmadas as lembranças e esquecimentos. Isto é observado pelo fato de a atuação dos grupos hegemônicos que trabalham na organização e manutenção da cidade apresentarem uma dinâmica do lembrar/esquecer, materializada nos espaços urbanos em prol de um discurso pautado no ideário de progresso.

Diante da realização da festa, anualmente, compreendemos a formulação de diferentes dizeres que são engendrados pelo poder público local, como a igreja, o comércio, pelos visitantes. Assim, deparamos não com um único discurso, mas sim com diferentes versões.

Uma nova data: outras memórias

A cidade de Borda da Mata tem seus primórdios em uma parada de tropeiros, que se dirigiam ao arraial de São Francisco de Paula de Ouro Fino, atualmente Ouro Fino, entre o Registro do Mandú, hoje Pouso Alegre, em meados do século XIX. A devoção à Nossa Senhora do Carmo, celebrada no dia 16 de julho, fora trazida por um religioso neste mesmo período. Com o passar do tempo, Borda da Mata se torna distrito da cidade de Pouso Alegre, pela Lei Provincial nº 128, de 14 de março de 1839.

Por sua vez, em 8 de junho de 1858 é elevada à Freguesia. Tendo a presença de um sacerdote para os exercícios dos atos religiosos para fortalecer a devoção e manter os adeptos juntos a uma orientação eclesiástica. E em sete de setembro de 1923 foi sancionada a Lei nº 843 para a criação do município e sua instalação em 16 de novembro de 1924⁹.

Diante deste percurso histórico, a data da emancipação do município se estabeleceu no dia de sua instalação, que é 16 de novembro de 1924. Mediante tal

⁸ FENELON, Déa Ribeiro (Org.). **Cidades**. São Paulo: Olho D'Água, 1999.

⁹ GUIMARÃES, José. Borda da Mata: Notas para a sua história. Pouso Alegre: Tipografia da Escola Profissional, 1958.



contexto no ano de 1989 houve a iniciativa da Câmara Municipal de mudar a data do aniversário da cidade para o mesmo dia da padroeira.

Esta comemoração partiu do seguinte, na lei orgânica. O Ditinho e o Carlos Narcy colocaram na cabeça dos vereadores, que o padre não ia ajudar mais fazer festa no dia dezesseis de julho. E que o povo já estava acostumado com cantor, com isso, com a festinha, né? Então, porque não punha na lei orgânica, assim: “em vez da Borda ser emancipada em sete de setembro, a emancipação de Borda da Mata se deu no dia dezesseis de julho de mil novecentos e vinte e três ou vinte quatro”. [A festa] era da igreja, porque dia dezesseis de julho é dia de Nossa Senhora do Carmo, é padroeira daqui. Agora, emancipação política foi setembro. Não tem que vem. Eles puseram a fazer a festa, compreendeu? Pra não ficar sem festa (risos). Não ficar sem festa.¹⁰

Partindo da decisão do padre José Eugênio de que não promoveria mais a atração musical, dois vereadores, mencionados por Bertolaccini, decidem se organizarem com o interesse de adquirirem apoio para a transferência da data do aniversário da cidade para o dia da padroeira, em 16 de julho. Essa transferência permitia a institucionalização do festejo em comemoração ao aniversário da emancipação política-administrativa do município, concomitantemente com o religioso, ou seja, o espaço que foi negligenciado pela Igreja Católica, os shows, a que a população “estava acostumada”, passaria a ser de responsabilidade da Prefeitura Municipal.

Deste modo, é instaurada a organização de um projeto referente à data da emancipação daquele lugar. Ao buscar os memorialistas que trabalharam com a história da cidade de Borda da Mata, encontramos a descrição da criação do município.

O memorialista José Guimarães se refere ao desejo da população do distrito de Borda da Mata pela sua definitiva autonomia, pois ela era subordinada a cidade de Pouso Alegre. Com isso, junto às autoridades cabíveis do governo estadual mineiro é sancionado o projeto Lei Estadual nº 843, de 7 de setembro de 1923, que passa Borda da Mata ser vila e de sede do município.

E no ano de 1924, “pelo Decreto nº 6.673, de 6 de setembro de 1924, são marcadas as datas para as primeiras eleições municipais e para a instalação do novo município, em 12 de outubro e 16 de novembro do mesmo ano”¹¹.

De acordo com estas informações, a data de instalação do município de Borda da Mata é 16 de novembro, mas com o intuito de promover e manter uma dinâmica

¹⁰ Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

¹¹ GUIMARÃES, José. **Borda da Mata**: Notas para a sua história. Pouso Alegre: Tipografia da Escola Profissional, 1958.



festiva junto à festa da padroeira, Nossa Senhora do Carmo, promovida pela Igreja Católica.

João Bertolaccini afirma - em sua fala - que a emancipação do lugar se deu em sete de setembro, pois ele se apoiou no decreto que promove Borda da Mata de distrito a sede de município. Outro ponto indicado foi de que a “festa era da igreja”, remonta desde meados do século XIX quando se iniciou o arraial ao redor do oratório dedicado à Nossa Senhora do Carmo.

A mudança da data do aniversário do município consiste em ações pautadas em interesses diversos, como manter uma atração “já acostumado pelo povo” e legitimar outro evento festivo, junto a festa da padroeira, ligado à Prefeitura Municipal. Nisto notamos a Câmara Municipal em sintonia com a administração política do município.

Lembramo-nos da reflexão de Fenelon ao abordar que:

Como qualquer experiência humana, a memória é também um campo minado pelas lutas sociais, campo de luta política, de verdades que se batem, no qual os esforços de ocultação e de clarificação estão presentes na disputa entre sujeitos históricos diversos, produtores de diferentes versões, interpretações, valores e práticas culturais. A memória histórica constitui uma das formas mais poderosas e sutis de dominação e legitimação do poder. Reconhecemos que tem sido sempre o poder estabelecido que definiu, ao longo do tempo histórico, quais memórias e quais história deveria ser consideradas para que fosse possível estabelecer uma “certa” memória capaz de cunhar uma História “certa”¹².

Deslocar a data da emancipação do município estruturou um jogo político. Frente à festiva religiosa. Nisso, foi elaborada uma articulação que desse legitimidade à iniciativa do governo municipal de realizar uma festa. A partir da formulação da Lei Orgânica, o 16 de julho como a data de aniversário de cidade institui-se outra temporalidade para lembrar e comemorar a criação do município, construindo uma nova história dele e dando início à constituição de outra memória.

O projeto nº 17/89 apresentado à Câmara dos Vereadores de Borda da Mata, com o título “Dispõe sobre a comemoração do dia da cidade”, registra que:

Borda da Mata, maio de 1.989
Ilmo. Sr.
Benedito Carlos de Faria
D.D. Presidente da Câmara Municipal
BORDA DA MATA M.G.

Prezado Senhor –

¹² FENELON, Déa Ribeiro. Memórias profissionais. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 47, p. 127-134, jun. 2008.



Nós, os Vereadores infra assinados, apresentamos à essa egrégia casa o seguinte projeto [sic] de lei:-

Artigo 1º) – As comemorações da Instalação do Município de Borda da Mata, que se refere o decreto estadual nº 6.673, de 06 de setembro de 1924, será comemorado em nova data, isto é, 16 de JULHO.

Artigo 2º) – As comemorações que se refere o artigo anterior, serão feitas respeitando as comemorações e horários dos festejos e cerimônias [sic] religiosas da Festa da Padroeira Nossa Senhora do Carmo.

Artigo 3º) – Fica o poder executivo autorizado a difundir entre os munícipes, esta nova data de comemoração da Emancipação do Município de Borda da Mata, através [sic] da imprensa falada e escrita.

§ 1º) Os recursos financeiros para cobrir a divulgação do artigo anterior, deverão ser das dotações orçamentárias do esporte, cultura, lazer e turismo.

Artigo 4º) – Revoga-se as disposições em contrário, sala das sessões da Câmara Municipal de Borda da Mata, em maio de 1989.¹³

O projeto apresenta, primeiramente, a mudança da data para comemorar a Instalação do Município. Aqui é exposto o resultado de um embate entre questões históricas com os interesses políticos. Como é observado no artigo 1º, é anulado o decreto estadual nº 6.673, de seis de setembro de 1924.

A data de seis de setembro de 1924, segundo memorialistas, se refere à criação do município por meio do decreto citado e não a sua definitiva instalação. Mas aqui compreendemos a intencionalidade em ocultar todo um contexto histórico do município em favor de uma festa cívica, ou seja, ofuscar tal data levando à rejeição de todo trabalho, luta e dedicação travados pelos políticos e munícipes, nos meados da década de 20, na instalação do município de Borda da Mata.

Da mesma forma, percebemos o movimento no significado da festa, que de um panorama ligado à Igreja, se desdobra em outro festejo com outro sentido. Assim, se agrupam duas comemorações em um mesmo dia.

Este processo não se deu de maneira harmoniosa, um embate se apossou do momento, conforme observamos na fala da senhora Terezinha Pires, que era Presidente da Câmara Municipal à época.

Então foi, foi eu acho que foi, assim, uma escorregada, dividi a data da cidade com a festa de Nossa Senhora do Carmo, ajuntaram. [...] o projeto foi pra Câmara Municipal que deixasse numa só. Eu fui contra, eu fui contra, lutei para que não desmembrasse. [...] Mas infelizmente perdi, porque eu achava que a Borda da Mata, a prefeitura tem muita condição de fazer essa festa maravilhosa que eles fazem não misturando com a festa religiosa que era a coisa mais linda que nós tinha dentro de Borda da Mata. [...] Não conciliam. Eu vou falar uma coisa aqui, deve até... deve até o povo de Borda

¹³ CÂMARA MUNICIPAL DE BORDA DA MATA. Projeto nº 17/89 “Dispõe sobre a data da comemoração da cidade”. Localizado na pasta “1989” do Acervo da Câmara Municipal de Vereadores de Borda da Mata – MG.



deve até lembrá. Enquanto saía a procissão de Nossa Senhora do Carmo, na fonte luminosa estava tendo um desfile de biquíni.¹⁴

Mesmo votando a favor da mudança da data, quando era vereadora, Terezinha Pires define que a ampliação da festa como “uma escorregada”, ou seja, uma manobra política, melhor dizendo, a falsificação de uma data.

A inserção de uma comemoração cívica ao dia religioso traz um novo significado ao 16 de julho para a população de Borda da Mata, pois não ocorre a exclusividade ao aspecto religioso, e sim a configuração de outra celebração que remete à data do aniversário da cidade.

A narradora descreve sua contrariedade frente ao projeto que solicita a mudança da data do aniversário da cidade. Afirma que poderia ter duas festas em datas diferentes: a religiosa, conforme costume; e a do aniversário na data correspondente a sua instalação, isto pelo fato de que a prefeitura tinha dinheiro para custear o festejo. Ai está sua convicção contrária a mudança. O quesito financeiro não impediria a execução de outra festa em data diferente, visto que a festa religiosa é totalmente bancada pelos trabalhos dos festeiros.

A narrativa delineia que “a festa religiosa que era a coisa mais linda que nós tinha dentro de Borda da Mata”. A configuração exclusivamente religiosa da festa marca o olhar de Terezinha, como aquilo que foi antes, com o que é atualmente. Atribui-se a festa organizada pela Igreja a expressão “linda”, algo que atrai a atenção. Porém, não permanece como antes. A introdução de uma nova dimensão na festa traz novos valores para o evento.

Ela relembra a festa em um dado momento quando na programação da prefeitura foi incluído um desfile de biquíni na Praça Antônio Megale, simultaneamente a procissão. A fala dela aponta-nos a entender para o descompasso nos objetivos e na concepção entre as duas comemorações.

16 de Julho: dia festivo com duas partes divergentes

A divergência é estabelecida entre as duas partes do festejo. Uma de caráter eclesiástico, a outra cívico. Os territórios festivos são limitados e respeitados. Com a inclusão de uma nova parte no festejo, ao dia 16, as práticas deste deveriam respeitar a

¹⁴ Senhora Terezinha Pires Ribeiro. Em Borda da Mata, 23 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.



dinâmica já estabelecida aos longos dos anos em Borda da Mata. Logo, observamos que não ocorre uma “mistura”, ou seja, entrelaçamentos entre as práticas, visto que as mesmas têm sentidos diferentes. Com isto, o festejar da igreja é tido como referência pelo fato de respeitar suas “comemorações e horários.

Trazemos para este diálogo, dessa maneira, a interlocução do Padre Luis Carlos Osti, então vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo que descreve as relações firmadas entre a Igreja e a Prefeitura Municipal, à época.

[...] com o passar do tempo tinha a festa da prefeitura, né? Da emancipação política, que eu não sei especificar se é outubro ou novembro, é uma data, com esta festa ocorria numa data, não no dezesseis, num acordo que eu entendi numas conversas que a gente ouve na cidade, o prefeito da época, o Xikito, em acordo com o monsenhor resolveram unificar a festa, tanto a festa da emancipação política, que ocorria no segundo semestre com a festa de Nossa Senhora do Carmo. Então, a prefeitura assumia o ônus dos shows, fogos e tudo mais e a igreja ficaria com a parte da... da... eclesiástica¹⁵.

A partir dessa exposição, percebemos que a fala dele remete à data da festa cívica, não tendo clareza desta, pois como vigário paroquial passou a residir em Borda da Mata no ano de 2012 e definir a união das comemorações no mesmo dia em um acordo. Porém, esta visão foi dada “numas conversas que a gente ouve na cidade”. Nesse ínterim, recorre aos diálogos informais estabelecidos com algumas pessoas da cidade de Borda da Mata, as quais não quis mencionar, ou seja, sua compreensão é determinada por diferentes memórias que foram compartilhadas e possibilitaram o entendimento dos meandros da constituição festiva para o dia 16 de julho.

Quanto ao acordo, este foi feito entre o prefeito municipal, Francisco Melo, e o pároco emérito Monsenhor Pedro Cintra, com intuito de “unificar” as duas festas e delimitar as respectivas atividades, em que negociar as práticas para as duas festas exigia estabelecer os devidos espaços. Uma religiosa, com gestos e ações ditadas pelas invocações e orações. A outra, cívica, voltada às atrações musicais, barracas de bebidas, comidas e variados produtos e brinquedos chamados de “parquinho”.

Como afirma Hobsbawm a respeito de cenários como esses, “as novas tradições podiam ser prontamente enxertadas nas velhas; outras vezes, podiam ser inventadas com

¹⁵ Padre Luis Carlos Osti. Em Borda da Mata, 15 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.



empréstimos fornecidos pelos depósitos bem supridos do ritual, simbolismo e princípios morais oficiais”¹⁶.

O 16 de julho configurado como dia festivo acolhe mais um elemento significativo que produz um complexo binário, que se contrapõe entre o sagrado e o profano. Forma-se em Borda da Mata a combinação de práticas divergentes que favorecem diferentes experiências, ligadas à religiosidade, ao lazer, à quebra do cotidiano.

É enxertada ao dia 16 de julho, o qual se mantinha como exclusivamente voltado à padroeira da cidade, Nossa Senhora do Carmo, e à comemoração da cidade. Em suma, incorporar outra comemoração resulta em outro modo de vivenciar a data, que já era significado como festiva.

Outro ponto alegado pelo sacerdote é o “ônus” assumido pela prefeitura municipal. O prestígio que antes era atribuído à Igreja Católica, a partir daquele momento, recai ao poder público local. Duas instituições passam a compartilhar a festa de 16 de julho com suas práticas. Elas divergem e se complementam, configurando uma festa só.

Voltando ao projeto no artigo 3º, aquele que trata da mudança, temos o seguinte: “Fica o poder executivo autorizando a difundir entre os munícipes, esta nova data de comemoração da Imancipação [sic] do Município de Borda da Mata, através [sic] da imprensa falada e escrita”.

Diante deste imperativo, a prefeitura municipal é incumbida de divulgar a nova data, a nova memória que possibilita o festejo cívico no dia 16 de julho. Nisto, a mudança da data da comemoração do aniversário do município propicia a reconstrução de uma nova história oficial a cidade. Emerge a revitalização à memória bordamatense, consistindo em outra forma de ver e significar o dia 16 de julho.

No projeto de lei nº 17/89 é apresentada também a justificativa para a alteração da data de comemoração da cidade, que: “Amparado pelo artigo 30, Item II da Constituição [sic] de nosso município, 16 de novembro, sempre se tornou impossível de se comemorar, por ser imediatamente a um feriado federal, (proclamação da República), inviabilizando por se comemorar dois feriados consecutivos”.¹⁷

¹⁶ HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 6ª Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

¹⁷ CÂMARA MUNICIPAL DE BORDA DA MATA. Projeto nº 17/89 “Dispõe sobre a data da comemoração da cidade”. Localizado na pasta “1989” do Acervo da Câmara Municipal de Vereadores de Borda da Mata – MG.



A justificativa do projeto contradiz o artigo 1º do projeto de lei, o que refere à data da emancipação do município de Borda da Mata. Conforme já foi citado anteriormente, em 6 de setembro de 1924, é instalado o município. Observa-se um confronto entre as datas que indicam a emancipação do município.

Ao apontar 16 de novembro como data da emancipação, a história oficial nacional pesa de forma considerável, pois traz para si maior significação, assim engendrando certo ocultamento para com a história municipal, da mesma forma, a impossibilidade de dois feriados seguidos na cidade de Borda da Mata.

Outra questão recai sobre a tradição da festa religiosa.

Considerando principalmente o alto espírito religiosa de nosso povo, que já se consagrou através [sic] dos tempos à nossa Padroeira Nossa Senhora do Carmo, pela sua festa tradicional em nosso município.
Considerando ainda, a vontade da maioria de nosso [sic] população, que pede a coincidência [sic] de datas, tendo em vista o tradicionalismo da festa de Nossa Senhora do Carmo, onde seus filhos auzentes [sic], reportão a nossa terra para comemorar e rever os seus familiares, em tempo de férias.¹⁸

O deslocamento da data da comemoração da cidade unido ao dia de sua Padroeira representa o entrelaçamento de duas comemorações em um só dia. Acumula-se mais um sentido ao dia 16 de julho, porém com caráter cívico. Assim, outra instância se apodera desta conotação festiva. Logo, agregar um espaço festivo para a prefeitura municipal consolida, desta maneira, a fixação de uma comemoração que não esteja totalmente vinculada à Igreja Católica, mas possibilite o uso de uma dinâmica que evidencie as ações do poder público local quanto seu prestígio dentro do município.

O termo “tradicionalismo” evoca que o festejo religioso tem um sentido cristalizado para os bordamatenses, que é celebrar sua padroeira, visto que realizado no período de férias escolares, primeira quinzena de julho, possibilita a vinda dos bordamatenses que residem em outras localidades.

Em suma, configura-se um tempo marcado pelo encontro e sociabilidade, mas quando não é somente regido pela instituição religiosa, a prefeitura usa deste espaço conquistado para se promover e ser evidenciada como uma instituição atenta aos munícipes. Seguem as assinaturas dos nove vereadores.

“O parecer da Comissão de Legislação, Justiça e Redação no projeto 17/89 de autoria do vereador Benedito Messias da Silva, dispendo sobre o dia do município. A

¹⁸ Idem.



comissão é de parecer unânime pela aprovação do projeto. Borda da Mata, 19 de junho de 1989”¹⁹.

Vemos aqui o parecer da comissão referente ao projeto que discutiu a mudança da data da festa, sendo unânime a aprovação de tal projeto. Assim, no dia 04 de julho é decretada a lei nº 903/89, referente à comemoração do dia da cidade, isto em 16 de julho.

Com o estabelecimento da festa cívica, a Igreja Católica continua com suas práticas festivas. A novena, missas, procissão, coroação e quermesse. Padre José Donizete Moreira, pároco que substituiu Padre José Eugênio da Fonseca, redige no Livro do Tombo a nova relação entre os dois festejos na cidade de Borda da Mata que ocorre no dia 16 de julho.

16/07/1990 – Houve a tradicional Festa de Nossa Senhora do Carmo. A novena teve início no dia 07/07, para cada dia contou-se com a presença de um padre das paróquias vizinhas. A parte social da festa foi desvinculada da religiosa, a parte social ficou a encargo da prefeitura municipal, pois no mesmo dia se comemora o aniversário da cidade de Borda da Mata. Esta data do aniversário da cidade no dia 16/07 foi aprovada pela Câmara de Vereadores. Daqui para frente a Igreja se preocupará com a festa religiosa. A festa da Padroeira foi realizada com a participação de toda comunidade, cidade e área rural; quem a fez foi a comissão organizadora, revelando-se maior união, fraternidade, e claro, vivência comunitária na Paróquia de Borda da Mata.²⁰

Desta maneira, diante da comemoração organizada pela Prefeitura Municipal de Borda da Mata, a Igreja se posiciona afirmando a separação das partes do festejo. Nesse contexto, a Igreja continua realizando as celebrações e a quermesse, pois é uma forma de obtenção de renda, mas aponta que a festa social, que consiste nos shows, barracas de comidas e bebidas, é de responsabilidade da prefeitura, sem vínculo com tal instituição.

Em outras palavras, observamos que a Igreja tenta manter sua festa em louvor à padroeira com o objetivo de integrar a comunidade, vivenciando os princípios cristãos.

Memórias e conflitos: a data da cidade

Aqui vemos dois festejos com dinâmicas diferentes que ocorrem no mesmo dia, proporcionando um complexo festivo que vai da religiosidade ao divertimento e lazer.

¹⁹ CÂMARA MUNICIPAL DE BORDA DA MATA. Projeto nº 17/89 “Dispõe sobre a data da comemoração da cidade”. Localizado na pasta “1989” do Acervo da Câmara Municipal de Vereadores de Borda da Mata – MG.

²⁰ Livro do Tombo, nº 2, 1990, p. 194. Acervo da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo. Consulta gentilmente cedida pelo pároco Monsenhor Vonilton Augusto.



Para a manutenção das opções de lazer, que são os shows de cantores de renome regional e nacional, que a liderança católica negou, via-se necessário um suporte legal. Portanto, para a realização destes shows é preciso um planejamento financeiro, devido aos custos do contrato feito com o artista/cantor desejado, montagem da estrutura do palco, seguranças e outros elementos que são empregados nesta atividade.

Qual interesse em manter e oferecer shows em praça pública? Em uma perspectiva financeira, qual o lucro para os cofres municipais em custear shows em que não há venda de ingressos?

Nota-se que o primeiro intuito do poder público local junto a Câmara de vereadores é o estabelecimento da visibilidade e notoriedade da cidade de Borda da Mata diante das outras cidades da região. A constituição de um mecanismo que possibilitasse o evidenciamento do trabalho do governo municipal para com os seus munícipes, ou seja, trazendo cantores/artistas para oportunizar momentos de lazer a sua população e, do mesmo modo, aos visitantes das cidades vizinhas.

Nesse sentido, no dia 05 de abril de 1991 é promulgado a Lei Orgânica do Município de Borda da Mata e o seu artigo 3º afirma:

§4º - É data cívica do Município o dia 16 de julho, em que se comemora a sua emancipação político-administrativa, ocorrida em 1924.

§5º - A semana em que recair o dia 16 de julho, constituirá a SEMANA DO MUNICÍPIO, período em que o Executivo e o Legislativo promoverão festas cívicas e encontros para estudos, análise e reflexão dos anseios e necessidades de seus habitantes e dos planos para o desenvolvimento harmônico do Município.²¹

Aqui notamos a alteração da data da comemoração da emancipação política administrativa do município. A partir de 1991 formaliza-se, legalmente, a realização de festas organizadas sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal.

Com o pressuposto de reforçar tal data, elaboram no §5º a “Semana do Município”, cujo texto legislativo traz em caixa alta - com o objetivo de revestir a semana de uma municipalidade - que, além das festas, seria o momento em que os habitantes seriam ouvidos. Não se usa o termo “povo”, mas habitantes. Estrategicamente construído para que o habitante se veja e se identifique com este momento de “estudo, análise e reflexão dos anseios e necessidades”. Em outras palavras, além de festejar, a pessoa que mora, trabalha, paga imposto, teria a

²¹ BORDA DA MATA. Lei Orgânica do Município de Borda da Mata: Promulgada em 5 de abril de 1991 / Câmara Municipal de Borda da Mata – Minas Gerais.



oportunidade de apresentar suas perspectivas frente à construção de um município melhor.

Assim, as duas comemorações ocorrem com seus objetivos específicos. O dia 16 de julho se reveste de um contexto festivo. Mas, ao longo dos anos provoca incômodo e essa questão ligada à data da comemoração é abordada no ano de 2007.

Por conseguinte, observamos que a discussão em torno das comemorações da emancipação volta à cena em 2007, pelo jornal “Galeria do Comércio” publicado em agosto, em edição única e distribuição gratuita, trouxe na sua primeira capa o Editorial “A Emancipação político-administrativa de Borda da Mata” redigido por João Bertolaccini que se refere à festa realizada em comemoração ao aniversário da cidade no dia 16 de julho.

Nós, os bordamatenses, entendemos que não se pode indefinidamente comemorarmos erroneamente a data da Emancipação Político-Administrativa de nossa cidade. É uma aberração insistir na data de 16 de julho, que não tem absolutamente nada a ver com a data certa da Emancipação Político-Administrativa de nosso Município. [...] Convido também, os filhos desta terra, que leiam o Artigo 3º, parágrafos 4º e 5º da nossa Lei Orgânica e comparem com cuidado e isenção as comemorações de nossa emancipação, com o que a Lei Orgânica determina; “até parece utopia”.²²

O subtítulo do jornal apresenta o objetivo do mesmo: “O seu guia de compras, serviços e histórias” e, assim, propõe refletir por meio do artigo acima citado a realização da festa da cidade proposta pela Lei Orgânica. Bertolaccini busca com suas palavras evocar certa consciência histórica frente à data da festa. Com isto, aponta que é errônea a comemoração no dia 16 de julho.

Ao discorrer sobre o assunto, adjectiva como “aberração insistir na data de 16 de Julho”. O fato de realizar o evento em comemoração ao aniversário da cidade em outra data proporciona o ocultamento da história diante da população. Logo, com postura apelativa solicita a leitura da Lei Orgânica, em seu artigo 3º, supracitado, que refere à constituição do 16 de Julho para a cidade. Mediante seu olhar sentencia como “até parece utopia”.

Visualiza-se o contraste entre o que diz a Lei e o que é realizado. Nota-se, também a preocupação de um grupo que organizou o jornal citado, diante da continuidade de um festejo que apaga a memória do município devido o deslocamento da data. O comemorar em si não é o intuito maior deste grupo, que é formado por

²² BERTOLACCINI, João. A Emancipação Político-Administrativa de Borda da Mata. **Jornal Galeria do Comércio**, 2007, p. 01.



comerciantes. O jornal foi patrocinado por vários comércios da cidade, com distribuição gratuita, e o mês de circulação foi em agosto, ou seja, o mês após a festa, que é em julho.

Atentos às palavras de Cruz e Peixoto entendemos a Imprensa:

como força social que atua na produção de hegemonia, a todo o tempo, articula uma compreensão da temporalidade, propõe diagnósticos do presente e afirma memórias de sujeitos, de eventos e de projetos, com as quais pretende articular as relações presente/passado e perspectivas de futuro²³.

Deste modo, a intencionalidade em colocar em primeira capa o único texto dissertativo e informativo do jornal perpassa por questões produzidas não por conta de comemorar a festa, mas a data, o que vemos no desfecho do editorial, a seguir:

Dia 16 de Julho é comemorado em nossa cidade, a Festa de Nossa Excelsa Padroeira, Nossa Senhora do Carmo, e como povo, na sua grande maioria católica, seria muito bom que os Senhores Vereadores, através de uma ementa ao Artigo 3º Parágrafos 4º e 5º da Lei Orgânica, colocassem os festeiros de Emancipação Político-Administrativo, em data certa, isto é dia 7 de setembro.²⁴

Dezesseis anos depois, Bertolaccini contrariando seu posicionamento em 1991, afirma que a data ideal para a comemoração é dia 7 de setembro, pois no ano de 1923, nesta data, foi criado o Município e não no dia 16 de Julho, de 1924, quando foi instalado tal evento.

Sete de setembro de mil novecentos e vinte e três, foi o dia que o governador, doutor Raul Soares de Andrade assinou e ... o decreto emancipando Borda da Mata. Sete de setembro de mil novecentos e vinte e três. E ela foi instalada, lógico, tinha que depois que ter eleição para prefeito, tinha ... e foi instalada dia dezesseis de novembro de mil novecentos e vinte e quatro, certo? Então, o seguinte, tem gente que acha que dezesseis de novembro, data da instalação deve ser comemorado. Mas, a instalação é consequência do decreto, não é? Senão, tinha que ser sete de setembro. Então, esta é a data certa!²⁵

Sustentado por datas e seus respectivos fatos ligados à história política da constituição do município de Borda da Mata, João Bertolaccini defende que a data para a comemoração do aniversário da cidade é 7 de setembro, pois nesta, no ano de 1923, mediante ao jogo político estadual foi criado o município, e instalado somente em 16 de novembro de 1924

²³ CRUZ, Heloísa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina de Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. **Revista Projeto História**, nº 35, São Paulo: EDUC, 2007.

²⁴ BERTOLACCINI, João. A Emancipação Político-Administrativa de Borda da Mata. **Jornal Galeria do Comércio**, 2007, p. 01.

²⁵ Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.



De maneira irredutível, observamos que ele elenca que esta é a data certa. Segundo tal indivíduo, compreendemos que “as pessoas são um amálgama de muitas experiências que se constituem e se transformam na vida diária, vivendo e se comunicando através de fronteiras e transitando entre elas”²⁶. Vemos em Bertolaccini a constituição de um senhor voltado para a história oficial da cidade, tanto que compilou uma publicação referente à história do município.

Em outras palavras apreendemos que isto se deu com olhar voltado para o percurso histórico do município, e assim observamos que tal aspecto passou a ser praticado nas datas que trazem significações para esta história e, com isto, percebemos que há questionamentos e críticas quanto a realização da festa organizada pela Prefeitura Municipal diante dos requisitos ligados à memória oficial bordamatense.

Referente à data da emancipação, deparamos com a narrativa de Claret Freitas, que elucida: “Não gostei, não gostei disto, não gostei de mudar a festa. O dia tem que ser respeitado, foi dia 16 de novembro que foi a criação do município. [...] Não, não tinha nada. Não se comemorava e fizeram isto”²⁷.

Tanto Claret quanto Bertolaccini consideram que a emancipação da cidade deve ser comemorada na data, tida por eles como, correta. Assim, a festa da cidade não deveria ser mudada para o dia da Padroeira. A discordância entre ambos é a data da emancipação.

Em suma, a narradora alega o respeito que deve ser dado à data da criação do município, ou seja, a sua devida comemoração correspondente àquela temporalidade, tida como oficial, da criação do município. Mas, mesmo exigindo a volta para a data citada, ela apresenta que anteriormente à constituição da Lei Orgânica não havia comemorado tal fato.

Percebemos a manipulação do grupo político em Borda da Mata empenhado em organizar um festejo que evidenciasse o poder público, procurando assim, de maneira estratégica, conectar o aniversário da cidade ao dia de sua padroeira configurando um dia com dois festejos.

A parte da festa com shows, barracas de produtos diversos como calçados, roupas, comidas e bebidas, e também os brinquedos conhecidos como “parquinho”

²⁶ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: Cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Org). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

²⁷ Senhora Claret Delfina de Freitas Rocha. Em Borda da Mata, 29 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.



ficou sob a responsabilidade de uma comissão da Prefeitura Municipal de Borda da Mata.

A festa foi organizada pela Secretária Municipal de Educação, Gláucia Brandão Guilherme e pela Secretária Municipal de Finanças Marília Duarte Lopes Sáber. “Apesar de termos organizado tudo em pouco tempo, estamos orgulhosas com o resultado. Acreditamos ter agradado a todos”, dizem as organizadoras. segundo elas, o sucesso da festa deve-se a boa vontade com que todos trabalharam, incluindo os patrocinadores e os funcionários da Prefeitura que muito colaboraram com a organização do evento.²⁸

Os cargos mencionados são de confiança, assim o prefeito indica os responsáveis para ocupá-los. Com isto, fica claro que as secretárias também organizam a festa no que tange aos shows, à organização das barracas nas praças centrais. É, portanto, um evento que exige muito trabalho e dedicação, pois em média conta com a duração de sete dias.

Nestes dias, a dinâmica da cidade de Borda da Mata se altera, possibilitando aos bordamatenses e visitantes várias opções de shows e barracas de alimentação, bem como a venda de produtos variados.

Imagem 01 – Show na praça central



Fonte: Maristela Matos, 15 de julho de 2013.

²⁸ **Jornal Tribuna Popular**, ano V, n° 53, 30/07/2001, p. 03.



Uma estrutura específica é organizada para os dias de festas, com o palco para os shows e tendas que proporcionam aos frequentadores certo conforto, pois este período é marcado pelo frio e, às vezes, por chuva.

Borda da Mata tem, nos dias da festa, a produção de outro cotidiano, marcado pela oportunidade de assistir a diferentes shows em praça pública, gratuitamente, e da mesma forma, a opção de consumir vários produtos, sendo grande parte das barracas dos comerciantes de diferentes lugares.

Analisando a festa por um viés econômico, comercial, pode-se notar um cenário marcado por reivindicações, como no artigo “‘Festa da Cidade’ não é festa da cidade” que elabora uma crítica norteada por questões dos comerciantes informais, denominados “barraqueiros”:

Vamos analisar: O comércio reclama que vendeu pouco porque a festa saiu da praça. Mas esquecem que os barraqueiros chegam de fora e levam o dinheiro da cidade, deixando-os nos meses seguintes quase sem vender nada. Outro dia, um contador da cidade me disseram: “Vamos passar por três meses difíceis em Borda, ninguém terá dinheiro para nada”. Por quê? Será que é só que gastou na festa do peão e nas barracas? Se nesta época não fica dinheiro na praça então o comércio, que é da gente da terra, tem que fazer alguma [sic] para melhorar esta situação. Se o povo gasta nas barracas, porque não pode gastar comprando produtos daqui? Dizem que vendem com preços melhores. É só os comerciantes praticarem um preço melhor, pelo menos, durante a festa. Sem contar que os produtos vendidos nas barracas, com raras exceções, são de segunda linha.²⁹

Construindo um texto sustentado por críticas, pois muitas vezes “quando o assunto da festa é abordado, principalmente em jornal, quase ninguém gosta de falar, com medo de ofender um ou outro”,³⁰ o editorial do Jornal *Tribuna Popular* elenca a questão econômica que se presencia nos meses seguintes após a festa. Praticamente estagnado fica o comércio local, devido ao consumo excessivo ocorrido no período festivo, mediante as opções oferecidas pelas várias barracas com produtos diversos.

Logo, percebemos pelo trecho acima o descontentamento dos comerciantes bordamatenses diante da mudança da festa, pois entre os anos de 1998 a 2000, ela foi realizada na Avenida João Olivo Megale, uma avenida próxima ao centro, a três quadras, porém uma localidade mais baixa que o centro. E é neste último lugar que se concentra a maioria dos comércios. Diante de um cenário conflituoso, argumentado no trecho do artigo analisado, é mister a mudança de postura dos proprietários dos

²⁹ EDITORIAL. “Festa da cidade” não é festa da cidade. **Jornal Tribuna Popular**, Ano II, nº 18, 15/08/98, p. 02.

³⁰ Idem.



comércios locais, partindo de estratégias como promoções na semana da festa; desta forma, estimulando os bordamatenses a escolherem os produtos da terra, ao invés dos “barraqueiros”.

João Bertolaccini discorre assim quando se refere às barracas:

Atrapalha a venda. Por exemplo, quem tem armarinho, aí, vende calça, estas coisas. O povo corre tudo pra barraca pra comprar lá. E as vezes até por preço até produto até muito mais ruim, né? E eles compram. Tem mais diversidade que o próprio comércio, tinha. O comercio aqui não era grande. Mais, os comerciantes achavam ruim, porque caía a venda deles, né?³¹

Bertolaccini justifica que a população recorre aos comércios informais nos dias de festa, pois o comércio bordamatense “não era grande” e não apresenta a variedade e diversidade que os “barraqueiros” possibilitam. O narrador pauta sua fala no passado, isto é percebido com os verbos apontados no pretérito. Mas enfatiza que: “atrapalhava o comércio é estas barracas, que é até hoje”.³² Por ser um comerciante de fertilizantes para a agricultura, agrega-se aos outros comerciantes locais, quando denomina “estas barracas”, demonstrando um tom de que as mesmas constituem um empecilho e/ou obstáculos para a dinâmica econômica em Borda da Mata nos meses que seguem após o mês de julho.

Os comércios informais que constituem esta parte na festa da cidade se organizam na Avenida Wilson Megale, vendem vários produtos como roupas, calçados, brinquedos, artigos para a cozinha e várias miudezas, como já evidenciamos

Imagem 02 – Comércio nas “barracas” no dia de festa.



³¹ Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

³² Idem.



Fotografia do acervo do próprio pesquisador. Fotografia retirada no dia 17 de julho de 2011.

“Porque a cidade tá muito movimentada, se tem renda apesar que a renda não fica na cidade, a renda fica pra quem monta a barraca. A festa tem tradição de ter muitas barracas, tanto de comida, de venda de roupas, estas coisas.”³³ Logo, diante da fala do jovem Juliano dos Santos, que enfatiza a movimentação de pessoas ocorrida devido à festa, constatamos que a renda gerada pelas festividades realizadas em julho não permanecem na própria cidade, a renda gerada pelas vendas de produtos fica “pra quem monta a barraca”.

E o “barraqueiro” tem que pagar pela utilização do espaço no período festivo, sendo este capital revertido para o pagamento das atrações e estrutura da festa conforme observação do balancete da festa de 2009: “1-Total das despesas foi de R\$ 179.559, 24, o total das receitas com a venda de espaços para utilização das barracas foi de R\$ 123.601,55, restando um déficit de R\$ 55.957, 69, que a Prefeitura pagou com outros recursos.”³⁴

O que é notório é que a festa movimenta altos gastos, como no caso de ano de 2009, em que houve uma diferença de R\$55.957,69. Diante dessa constatação indagamos saber se é viável realizar uma festa que ainda terá utilização de outros recursos para quitar as dívidas?

O festejar ocupa a cidade

O espaço onde se realiza o festejo organizado pela Prefeitura Municipal de Borda da Mata é a Praça Antônio Megale, parte da Praça Nossa Senhora do Carmo e a Avenida Wilson Megale, sendo aí o local em que as barracas dos comerciantes, oriundos de outras localidades se instalam.

³³ Juliano dos Santos. Em Borda da Mata, 03 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

³⁴ *Jornal Tribuna Popular*, Ano XIII, nº 176, 31 de julho de 2009, p. 08.



Imagem 03 - Mapa do centro da cidade de Borda da Mata – Espaço Festivo



Mapa da cidade de Borda da Mata. Disponível em <https://www.google.com.br/maps/place/Borda+da+Mata,+MG,+37564-000/@-22.2738963,-46.1672792,725m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x94cbd773fbd2a367:0x8fa36ee6c02b7f8e!8m2!3d-22.2691578!4d-46.1640692>. Acesso em 17 de março de 2020.

No mapa vemos em amarelo o espaço da Praça Nossa Senhora do Carmo, que se localiza em frente à Igreja matriz de Nossa Senhora do Carmo. O espaço traçado em verde é a Praça Antônio Megale e em azul Avenida Wilson Megale. O quadrado vermelho representa o local que ocupa o palco, montado pela comissão organizada pela Prefeitura Municipal. Aqui é representado o espaço físico em que ocorre o festejo de 16 de julho.

Em Borda da Mata, o espaço festivo é demarcado pelas praças centrais. Mas vemos que no período de festa, primeira quinzena de Julho, o lugar das praças assume outros sentidos, outros usos. Cotidianamente é marcado como o lugar que abriga diversos serviços à população, como instituições presentes, bancos, delegacia, supermercados, lojas de roupas, bares, restaurantes, lojas de eletrodomésticos, prefeitura municipal e a Igreja Católica.

Diante de diversos usos, vários significados são construídos para este espaço que se formam pelas relações humanas estabelecidas. Ao refletir acerca do uso dos espaços



urbanos, Arantes Neto relaciona as questões que possibilitam a significação de determinados espaços na cidade.

Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam das categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações. Por esse processo, ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações e lembranças compartilhadas, que passam a fazer parte da experiência ao se transformarem em balizas reconhecidas de identidades, fronteiras de diferença cultural e marcos de “pertencimento”³⁵.

As praças centrais que, no dia-a-dia, concentram opções de serviços, conforme citado, no período festivo materializam como um espaço simbólico para os bordamatenses. Ali é constituído o lugar da festa, em que lembranças e experiências são vivenciadas. Sobressai o mero uso corriqueiro pela função de abrigar o cenário festivo, que possibilita diferentes interações, como os shows, as barracas de comidas e bebidas e o comércio popular oferecido pelos barraqueiros. Deste modo, vemos o espaço central da cidade se transformar no lugar que é regido pelo lazer, encontro, devoção, diversão, quebra do cotidiano.

Em suma, não se constitui um mero acaso os festejos serem realizados nas praças centrais, mas sim o rememorar de outras vivências festivas, pelo fato de que este evento é realizado há mais de noventa anos, mesmo com suas ressignificações ao longo do tempo. Assim, as praças centrais trazem sim um sentido marcante por ser o principal espaço coletivo da cidade de Borda da Mata.

Trilhando na discussão do território da festa, que é o espaço conquistado e possui diversos significados, Matos, ao estudar a temática referente à cidade, compreende a “noção de territorialidade, identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias”³⁶. Frente a isto, entendemos as diversas narrativas que são produzidas a partir do lugar, isto é, manifestada a festa organizada pela Prefeitura Municipal.

³⁵ ARANTES NETO, Antônio Augusto. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000

³⁶ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: História, cidade e trabalho**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.



Desse modo, a relação baseia-se entre o sujeito social e o espaço que é ocupado. O ocupar não se restringe somente a estar ali, mas em interagir diferentes modos, estes que possibilitam atribuir significados aonde se ocupa.

O centro de Borda da Mata se modifica com a proximidade da festa. Isto corresponde também na mudança de como interagir com tal espaço. Durante o ano ele atua como ponto de convergência de serviços e compras, mas no período festivo arquiteteta-se como um lugar de lazer, diversão.

A questão de atribuir os significados a ele se deve pela experiência e reflexão que é promovida diante dos dias de festa. Adolfo Cabral Júnior estabelece em sua fala um contraponto histórico ao referir acerca das praças centrais.

É exatamente entre as duas praças, certo? Acabou-se tudo, neste lugar que é... neste lugar que a... até hoje é feito o... é feito o palco. Então ali, quando faz o palco ali, historicamente, falando, aquilo é a substituição, né? Se uma coisa familiar que a gente tinha, passa uma coisa mais controlada pelo poder público, né? E aí então isto... esta festa foi ela tomando essa coisa que eu acho meio gigantesca.³⁷

Apoiado em suas memórias, Adolfo relata que a dinâmica no tempo presente no momento em que é montado o palco para os shows, entre as praças Nossa Senhora do Carmo e Antônio Megale, sentenciam como uma ruptura que “acabou-se tudo”. Ou seja, um novo sentido é instaurado no festejo.

Ao remeter-se ao passado, buscando as festas religiosas que ocorreram no centro de Borda da Mata, em frente à Igreja Matriz, com o envolvimento, basicamente, familiar, o narrador aponta um momento em que todos se conheciam e se confraternizavam, ato restrito à população do município. É esta dinâmica que estabelece parâmetro para discutir a atual estrutura da festa.

Imprimindo sua significação para esse espaço, percebemos que ele demarca o pertencimento ao modo de festejar, que não ocorre na atualidade. A possessividade por aquilo que havia antes é articulada pelo termo substituição e demonstra que a dinâmica atual não possui mais o mesmo sentido e está em outras mãos.

O poder público municipal detém o respaldo para a organização do evento, realizado de acordo com os seus interesses e princípios. Logo, Adolfo também observa que ao “ser controlada pelo poder público” foi promovida uma remodelação que, paulatinamente, tornou-se “gigantesca”. De uma interação familiar junto ao padre

³⁷ Adolfo Cabral Junior. Em Borda da Mata, 03 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.



passou-se a uma dinâmica que mescla shows, durante um período de 7 a 10 dias, barracas com comidas e bebidas, brinquedos chamados de parquinho e as ofertas de produtos variados “pelos barraqueiros” oriundos de outras cidades.

Algumas Considerações

A prática da História Oral possibilitou conhecer e evidenciar experiências de sujeitos sociais que vivenciaram e vivenciam a Festa de 16 de Julho na cidade de Borda da Mata. Através desse método de estudo foi possível analisar as experiências de homens e mulheres em diversos e diferentes setores da sociedade, permitindo um percurso de conhecimento e possibilidades de valorização a grupos sociais até então invisíveis na documentação oficial escrita. Em outras palavras, entendemos disso que lidar com memórias é lidar com vidas que se forem mal utilizadas podem produzir feridas.

Com efeito, tensões são estabelecidas entre o sagrado e o profano. As falas dos narradores possibilitaram visualizar tal contexto conflituoso, onde (re)significações são evidenciadas ao longo dos anos. De um evento pautado no sagrado com ritos repetitivos e fixos para o contraponto de uma festividade conduzida pelo divertimento, lazer, consumo e improvisado.

Em suma, registra-se que uma festa realizada em praça pública conduz várias problemáticas. E nesse sentido que acreditamos que a realização deste estudo não traz a versão final do registro histórico do evento mais aguardado pela população da pequena cidade bordamatense. Porém, foi um olhar que buscou apresentar algumas versões da festa, que não é algo cristalizado, imóvel, mas sim entendido como perpassado por um processo dinâmico sustentado pela construção constante de sentidos e significados produzidos por experiências sociais e compartilhados pelas muitas memórias que possibilitam a contemplação de outras histórias.

Data de submissão: 18/03/2020

Data de aceite: 12/06/2020



Referências Bibliográficas

ARANTES NETO, Antônio Augusto. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público.** São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

CRUZ, Heloísa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina de Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. **Revista Projeto História**, nº 35, São Paulo: EDUC, 2007.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral** – memórias, tempo, identidades. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DOMINGUES, Andréa Silva. **Cultura e memória: A festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis – MG.** Pouso Alegre: Univás, 2017.

FENELON, Déa Ribeiro (Org.). **Cidades.** São Paulo: Olho D'Água, 1999.

FENELON, Déa Ribeiro. Memórias profissionais. **Educação em Revista.** Belo Horizonte, n. 47, p. 127-134, jun. 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org). **Usos e abusos da História Oral.** 5º edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCÓS, István; KANTOR, Iris (Orgs.). **Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa**, vol. II, São Paulo: Hucitec: Ed. da USP: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

GUIMARÃES, José. **Borda da Mata: Notas para a sua história.** Pouso Alegre: Tipografia da Escola Profissional, 1958.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** 6ª Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: Cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Org). **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho D'Água, 2004.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: História, cidade e trabalho.** Bauru, SP: EDUSC, 2002.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervências coletivas. In: PASSOS, Mauro. **A festa na vida: significados e imagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho - Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Revista Projeto História.** São Paulo: PUC, nº 15, Abril de 1997.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil escravista: História da Festa de coroação de rei congo.** Belo Horizonte: Humanitas, 2002.

